

1. O conteúdo deste texto foi primeiro comentado em diversas postagens no Blog RODRIGUES, Camila. *Pequenidades*, entre maio e julho de 2020, disponível em:

<http://pequenidades.blogspot.com>

Acesso em 31.dez.2020.

Depois o conteúdo foi apresentado em videoconferência online no evento “Des. Encontro” em 12 de dezembro de 2020.

* Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP).

Mergulhando nos cinemas africanos durante a pandemia¹

*Camila Rodrigues**

À Ana Camila Esteves

Resumo: No primeiro semestre de 2020, com a quarentena devido à pandemia de Covid19, o Cine África disponibilizou, no YouTube, uma seleção gratuita de onze filmes e debates com diretores e pesquisadores, com o objetivo de apresentar e ampliar nosso repertório sobre esta cinematografia. Essas questões são o assunto deste texto.

Palavras chave: Cine África; Cinemas Africanos; Pandemia; Quarentena.

Abstract: In the first half of 2020, with the quarantine due to the Covid pandemic19, Cine Africa made available on YouTube a free selection of eleven films and debates with directors and researchers, with the aim of presenting and expanding our repertoire on this cinematography. These issues are the subject of this text.

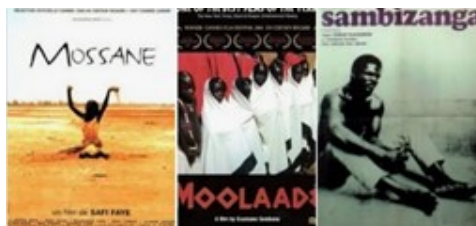
Keywords: Cine África; African Cinemas; Pandemic; Quarantine.

O Cine África e os cinemas africanos

Espaço de memória recriado pelos afro-brasileiros, a África real e suas próprias representações seguem como um mistério para nós, que praticamente desconhecemos produções que ela faz sobre si mesma. A proposta do Cine África é ampliar nosso repertório sobre essa cinematografia, disponibilizando gratuitamente no Youtube onze filmes feitos por africanos, com temas caros ao continente, para público local, e discutindo-os com realizadores e pesquisadores, entre maio e julho de 2020; foi uma grande oportunidade de aproveitarmos o período da quarentena pela Covid19 para “ficarmos em casa” e construirmos novos horizontes de expectativa, criarmos outros significados sobre aquele lugar. Porque a África é composta por cinquenta e quatro países, cada um com uma relação com o cinema muito própria, nos cabe pensar no plural: São Cinemas Africanos!² Conforme veremos, tratar desses filmes exige aceitar de antemão o contato com o diferente do que o ocidente se acostumou a ver na grande tela e talvez até problematizar a própria memória que construímos sobre nosso local de passado ancestral.

2. MOSTRA DE CINEMAS AFRICANOS, São Paulo. CINESESC SP, 2019. Catálogo de mostra cinematográfica, p.3.

Maio



3. Nas pessoas de Ana Camila Esteves; Morgana Gama e Juscielle Oliveira.

A curadoria do Cine África³ selecionou no primeiro mês de exibição três filmes muito importantes para a própria ideia de pensar cinema produzido em África: Ou porque pioneiros, ou porque foram dirigidos por grandes nomes dos Cinemas Africanos. Imaginamos que a maioria do público estava experimentando seus primeiros contatos com tal cinematografia, então começar exibindo tal seleção foi uma escolha apropriada.

4. Trata-se do longa metragem *Kaddu Beykat* (1975).

Começamos com *Mossane* (Senegal, 1996), dirigido por Safi Faye, a primeira mulher da África subsaariana a dirigir um longa-metragem comercialmente distribuído em 1975⁴. A película apresentada foi o seu último trabalho e nele conta-se a história de Mossane, uma bela jovem de quatorze anos que vive em uma aldeia de Senegal e é cobiçada por todos os homens, inclusive pelo seu próprio irmão, mas que na infância já havia sido prometida em casamento a Diogoye, um aldeão que saiu para trabalhar na França e agora sustentava financeiramente sua família. Mossane era apaixonada por Fara, um estudante pobre, que voltou para a aldeia enquanto a universidade estava em greve e também a amava, mas sabia que, por enquanto, pouco podia oferecer a ela ou aos seus familiares. Mas Mossane tem fibra e vai fazer de tudo para preservar os seus desejos mais íntimos, independente de qualquer coisa. Nesse filme vemos surgir um tipo de personagem que reapareceu muitas vezes na seleção: a da forte mulher africana, que protagoniza sua vida.

5. A pesquisadora é autora de uma dissertação de mestrado em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA. SACRAMENTO, Evelyn dos Santos. *Safi Faye: Entre o Olhar e o Pertencimento*. Universidade Federal da Bahia, 2009.

Na videoconferência com a pesquisadora da obra de Safi Faye, Evelyn Sacramento⁵, foi destacado que devido ao fato de Faye ser etnóloga, todo o trabalho ficcional em seus filmes se desenvolve sobre uma base etnográfica, por isso todo o cuidado em representar de forma verossímil uma aldeia e rituais de comunhão com a ancestralidade e divindades que não existem, mas que poderiam existir, tornando complexa a relação entre realidade e imaginação nesta composição.

O segundo filme foi *Moolaadé* (Senegal, 2004), dirigido por Ousmane Sembène, que também é a última obra de seu diretor, cujo nome já virou referência quando se fala de Cinemas Africanos, com seu forte engajamento político. Nesta obra conta-se a história de Colle, uma mulher que vivia um casamento poligâmico em uma aldeia senegalesa e que se colocou contra a circuncisão feminina – como de costume na tradição islâmica – e com isso passou a ser a única esperança de fugir do corte para seis meninas aldeãs, com idades entre 4 e 9 anos, que deveriam passar pelo ritual

num determinado dia. Colle, então, lança mão do “mooladé” (proteção sagrada dos ancestrais) para tentar evitar que as jovens fossem cortadas no período indicado.

6. O pesquisador é autor de estudos sobre a obra de Sembène, como o artigo PAIM, Márcio Luiz da Silva. Os cinemas africanos como produtos das independências: a importância do filme *La Noire de...* de Sembène Ousmane. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem*, 2014.

Para comentar o filme, o africanista Márcio Luiz da Silva Paim⁶ lembrou que tal está centrado nos três temas principais da cinematografia de Sembène: A religião, a questão de gênero e a colonização. O longa-metragem aborda o momento em que a mutilação genital começa a deixar de ser inquestionável e já se pensa no sofrimento das meninas, indicando que, talvez, a manutenção dessa prática se consolide como mais uma forma de dominação feminina. A crítica de Sembène aponta para um anseio de que a mulher deixe a submissão imposta pelo ideário do colonizador e volte a ocupar um papel importante na sociedade, resgatando a cultura de matrilinearidade na África pré-islã.

7. Trata-se de *Des fusils pour Banta* (1970), rodado em Guiné Bissau.

Fechando o primeiro mês vimos *Sambizanga* (Angola, 1972), dirigido pela francesa ativista do movimento negro Sarah Maldoror, que lamentavelmente havia falecido de Covid19 em abril de 2020. Ela foi uma das primeiras mulheres a dirigir um longa-metragem em um país africano em 1970⁷ e esta é a sua segunda obra, considerada como sendo o primeiro filme angolano (pós-descolonização), e por ser um protesto pela libertação, teve que ser filmado na República do Congo, que em 1972, já era independente. Adaptação do romance baseado em história real *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, de José Luandino Vieira, conta a história de um ativista pela descolonização em Luanda, que é descoberto e levado pela polícia, obrigando sua mulher Maria a sair a sua procura, levando nas costas o filho preso por um pano. A película é muito especial, repleta de marcas da cultura angolana como hábitos cotidianos, formas de falar, de vestimenta e principalmente a presença constante de belas músicas.

8. A pesquisadora é mestre em História com a seguinte dissertação sobre o cinema angolano DARIVA, Renata. *Oxalá Cresçam Pitangas* (2005/7) e *É Dreda ser Angolano* (2006/8): *Olhares sobre Luanda através do Cinema de retomada angolano e do Cinema de Poeira*. Dissertação de mestrado na área de História, PUCRS, 2020.

O comentário em videoconferência sobre o longa-metragem foi feito pela pesquisadora Renata Dariva⁸ (PUCRS), que levantou duas questões: uma é a presença das canções de Angola, como o lamento *Birim Birim* e *Caminho Mato*, um poema de Agostinho Neto musicado, que são entoadas em várias circunstâncias da vida das personagens, no luto ou nas festividades. Outro ponto é o protagonismo feminino de Maria, que é quem conta a história, e depois recebe ajuda de outras mulheres em sua busca solitária.

Junho



Em junho a seleção apresentou filmes ligados a iniciativas mais recentes e que ganharam visibilidade no circuito ocidental, sendo aclamados em festivais e abordan-

do questionamentos da África contemporânea.

Começamos com o sul-africano *Inxeba [Os iniciados]* (2017), de John Trengove, diretor que teve sua carreira impulsionada por essa obra, que foi pré-indicada ao Oscar. Contando a história controversa da relação secreta entre dois homens no contexto do ritual de iniciação *xhosa*, que é acompanhado e narrado por um jovem que está em aprendizado, o filme é intenso e surpreendente.

Como o ponto central desse longa-metragem é a temática da homossexualidade, também sobre isso tratou o comentário do professor Alex Santana França (UEFS), que abordou como a questão é recebida nos diversos países da África e também em seus cinemas. Lastimavelmente alguém, incomodado com o assunto tratado, denunciou a reunião por “conteúdo inadequado” no Youtube, que imediatamente interrompeu a transmissão, em um evidente e frustrante caso de homofobia.

Em seguida o filme apresentado foi o nigeriano *Lionheart* (2017), dirigido por Genevieve Nnaji, que conta a história da rica executiva Adaeze que sempre trabalhou na empresa de transportes da família, mas mesmo se preparando da melhor forma, estudando no exterior, se aperfeiçoando, não é escolhida para assumir a companhia quando o pai adoece; ela então acaba tendo que ceder o controle ao tio, que nada entende de administração, obrigando-a a se apresentar como imprescindível na luta para impedir a falência da empresa. Este filme não ficou disponível no Youtube, porque seu direito de exibição havia sido comprado pela provedora audiovisual Netflix, então só é possível assisti-lo assinando um pacote, mas poderíamos fazer uma inscrição experimental com alguns dias gratuitos para assisti-lo. A intenção do Cine África era expor uma forma como este e tantos outros filmes produzidos na Nigéria, pela chamada Nollywood – a terceira indústria cinematográfica no mundo – estão sendo absorvidos por plataformas streaming, o que acaba aumentando sua visibilidade, mas por outro lado pode implicar em cerceamentos nas produções.

Para fazer o comentário foi chamada a jornalista e pesquisadora carioca Mariana Ferreira Soares Lemos Gonzaga⁹, que, em videoconferência, falou de Paris onde pesquisa Nollywood e sua relação com o público nigeriano. Para Gonzaga, além de destacar o protagonismo da mulher africana, outro tema interessante nesse filme e nas produções nollywoodianas em geral é que as obras exibem sempre africanos com dinheiro e oportunidades, quebrando com isso alguns clichês e estereótipos sobre o continente, que o apresentam sempre como lugar de exotismo e de miséria.

O terceiro filme de junho foi o maliano *Yeelen* (1987), dirigido por Souleymane Cissé, e que prima por preservar características locais, como a língua, pois o filme é falado em bambara, mas isso não o impediu de ser muito bem recebido no circuito de cinema fora da África, ganhando até o prêmio do júri no Festival de Cannes. Na cinematografia de Cissé esta obra marca um momento de virada de chave, quando ele deixa de lado as questões políticas, tão frequente nos cinemas africanos pós-coloniais, e volta-se para uma temática mais local, filmando a adaptação de uma antiga lenda oral do século XIII. No filme o jovem Niankoro tem a missão de escapar da maldi-

9. Sua monografia para obtenção do título de jornalista foi GONZAGA, Mariana Ferreira Soares Lemos. Nollywood: O cinema nigeriano como instrumento de construção de identidade. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

ção lançada por seu pai Soma, em uma disputa ferrenha pelo poder baseada na cosmologia e nas crenças do grupo étnico Bambara. A intenção de Cissé foi produzir uma obra sem marcas de intervenções coloniais, resultando em um belo e poético filme.

10. Sobre os cinemas africanos que fogem das referências coloniais, a pesquisadora tem o artigo OLIVEIRA, Janaína Pereira de. Descolonizando telas: o FESPACO e os primeiros tempos do cinema africano. *Odeere*, v. 1, p. 50-74, 2016.

Segundo o comentário da pesquisadora do cinema negro Janaína Oliveira¹⁰ (IFRJ), como Cissé desejava não ser mais visto como cineasta militante, passou a flertar com a possibilidade de contar outras histórias, em novas formas de resistência que destacam a cultura local, no caso, o grupo étnico Bambara e, com isso, acenar para a descolonização da percepção do público. Esta seria uma maneira original de tratar a política para africanos, mas que para olhos exteriores entrariam na categoria exótica: Mostrariam uma África ancestral e bonita, na qual o ocidental não vê maiores sentidos. No entanto o filme é repleto de símbolos e significados opacos, que não chegaram a ser modificados pela colonização, e que estão ali para decifração, e isso é uma das coisas que o torna bonito e original.

Lançamentos 2020



Além da programação prévia, o Cine África conseguiu apresentar em junho dois filmes africanos que estreavam nos festivais online durante a quarentena e essa foi uma oportunidade única para os ingressantes neste universo, porque, além de ter acesso ao frescor de assistirmos filmes ainda inéditos, também foi possível conhecer e ouvir seus realizadores em videoconferências e enxergar exemplos de como a indústria cinematográfica funciona na África em 2020.

A primeira estreia foi o documentário cabo-verdiano *Kmèdeus* (2020), dirigido por Nuno Miranda, que aborda a vida e obra de um artista sem-teto lendário da ilha de São Vicente, em Cabo Verde, chamado *Kmèdeus* ("Comer Deus"), que, no filme, é interpretado pelo bailarino Antonio Tavares em incríveis performances de dança contemporânea. Uma preocupação declarada pelo diretor foi a de descobrir a melhor maneira de filmar Cabo Verde, porque até então tínhamos poucas representações, já que lá o campo do audiovisual ainda é muito inicial, e nessa busca ele conseguiu imagens lindíssimas do país.

O outro lançamento foi o angolano *Ar Condicionado* (2020), dirigido por Fradique e produzido pela produtora Geração 80. O filme se passa em Luanda, quando, misteriosamente, os aparelhos de ar condicionado começam a cair das paredes dos

11. A canção original *Matacedo*, de Aline Frazão, interpretada por Paulo Flores está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w8a3q8Rr4Wk> (Acesso 02 jan.2021).

prédios e Matacedo e Zezinha – um guarda e uma empregada doméstica de um antigo prédio – recebem a missão de recuperar o aparelho do chefe e com este encargo, chegam até a loja de materiais elétricos do Kota Mino, que está montando secretamente uma complexa máquina de recuperar memórias. Com belíssima trilha sonora original assinada pela cantora angolana Aline Frazão¹¹, o filme é instigante e vigoroso.

Segundo nos contaram seus realizadores, a ideia foi a de exibir uma Luanda real e em ruínas com as quais estavam habituados a conviver em 2020, tanto que até o prédio onde se passa o filme existe e se situa no entorno da Geração 80. A capital de Angola aparece nesse longa-metragem como uma cidade que não sabe lidar bem com seu passado, o que é representado pela personagem do ex-soldado sequelado Matacedo, mas que convive com o desejo de um futuro mais dinâmico, que na trama é representado pela personagem de Zezinha e também pelo Kota Mino e sua máquina, que traz referências diretas ao filme estadunidense *De Volta para o futuro* (1985).

Julho



Depois da breve passagem pela vivacidade dos lançamentos de 2020, no último mês do evento vimos três filmes recentes e antigos, abordando sempre questões de grande interesse para os africanos, mas que poderiam ter sua importância reduzida aos olhos ocidentais.

Do Senegal vimos *Félicité* (2017), dirigido pelo franco-senegalês Alain Gomis, pré-indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro. Nele conta-se a história da bela e talentosa cantora Félicité, que vive na República Democrática do Congo e corre atrás de todas as saídas para tentar evitar que seu filho de dezesseis anos, Samu, que sofreu um acidente, precise amputar a perna e com isso vamos percorrendo, com ela, a cidade de Kinshasa e conhecendo suas várias realidades, os bairros ricos e também as periferias mais pobres, mas sempre destacando o protagonismo da mulher africana, que é forte, mas também tem dignidade para pedir ajuda, mesmo que nem sempre receba uma resposta positiva.

Na sua fala a pesquisadora Maria Zenun destacou que a personagem Félicité tem seus pontos altos e baixos e que essas reações são pontuadas pelo surgimento da imagem de uma orquestra tocando música clássica. Zenun também destaca que, ao

final, a protagonista consegue construir uma relação de afeto entre ela, seu filho e seu parceiro Tabu.

Com a apresentação de *Ceddo* (1977), de Ousmane Sembène, voltamos aos clássicos. A história é de uma aldeia africana, em uma era pré-colonial, onde a cultura local é ameaçada pela aproximação simultânea do islamismo e do cristianismo. O rei Demba acaba se convertendo ao islã, mas os guerreiros Ceddo resistem a abandonar sua cultura, então raptam a bela princesa Dior Yancine e instauram uma guerra civil em meio à formação do que depois conheceríamos como mercado de escravos. No cenário do filme coabitam a mesma aldeia: a realeza local; a população; o europeu; o mercador; o cristão e o islamita, instaurando ali uma disputa pelo poder que, no olhar crítico de Sembène, é sempre filtrada pela religião. O tema é pesado, mas o filme é belo, ótima trilha sonora misturando jazz, sons tribais e música gospel estadunidense.

Comentador do filme, o professor senegalês Detoubab Ndiaye (UEBA), falou sobre símbolos e gestos de seu país, com significados profundamente críticos, que estão presentes na obra, mas irreconhecíveis aos olhos ocidentais. Também levantou a questão da opção de Sembène em colocar as mulheres como protagonistas, no caso a princesa Dior Yacine, que assume o poder da aldeia com a morte de seu pai. Em determinado momento o professor participante Marcelo Ribeiro (UFBA), levantou um questionamento político bastante incômodo: a presença da escravidão em África no contexto em que se inicia a diáspora, pois em *Ceddo*, quando os exploradores (religiosos ou não) chegaram, os próprios africanos já trocavam pessoas por dinheiro, poder, ou outras coisas. Sobre isso Detoubab respondeu que na época do início da diáspora, a África já vinha procurando ter mais justiça e a busca pela adesão à religião teria interrompido essas lutas sociais, pois o caráter religioso ganhou destaque. Marcelo termina lembrando a importância de termos um legado como o construído por Sembène, que sempre nos coloca discussões complexas.

O último filme foi o mauritano *Heremakono – À Espera da Felicidade* (2002), direção Abderrahmane Sissako, conhecido como o cineasta mais produtivo da África. O filme conta a história de um jovem mauritano que havia partido para trabalhar e estudar, mas volta a sua terra de origem em uma breve passagem, e ali vive um sentimento de estrangeiridade, pois ainda que seja sua terra natal, não conhece mais ninguém e nem os gestos utilizados; não se veste do mesmo jeito e já não sabe falar o dialeto local. Essa história é muito parecida com a própria trajetória de Sissako, que voltou à Mauritânia em 1980 depois de viver anos fora estudando e produzindo cinema. Cabe o destaque de que esse é o único filme da seleção cujos personagens não são retintos, o que serve para nos lembrar que nem toda a África é negra, nem tampouco seus cinemas.

No comentário da pesquisadora Hanah Serrat¹² (UFMG) foi destacado que *Heremakono*, além de ser o nome do filme, significa lugar de passagem e isso deixa claro que estamos tratando de uma narrativa sobre povos em trânsito e desenraiza-

12. A leitura da pesquisadora sobre este filme encontra-se no artigo SERRAT SERRAT, Hannah. Quando o cinema acolhe uma comunidade de estrangeiros: coabitações e errâncias em 'Heremakono'. Revista *Imagofagia*, v. 21, p. 237-257, 2020.

mento, temas comuns na vida dos africanos e também nos cinemas produzidos em África.

Descolonizando o olhar e encontrando uma nova África

Aproveitar o longo tempo em casa durante a quarentena e conhecer mais sobre os cinemas africanos a partir desta seleção de filmes e debates foi uma grande chance não apenas de ingressar um universo pouco conhecido, mas, sobretudo, de exercitar nosso olhar para realmente ver a África que os filmes nos apresentam, para além de nossas expectativas ocidentais. Quem aceitou a proposta de mergulhar na heterogeneidade desses cinemas e enxergá-los como eles são, sem soterrá-los com expectativas de outras culturas, certamente apreciou melhor a rica experiência deste contato cultural.

Se na seleção apresentada até pudemos ver expostas questões políticas que também são importantes para os afro-brasileiros, como a problemática da negritude e o racismo ou a discussão sobre o papel da mulher, é preciso lembrar que ali elas estão colocadas de forma diferente da que consideramos fora da África, pois são culturas diversas que devem ser compreendidas e respeitadas. Muitas vezes flagramos, nos filmes e nas análises, posicionamentos críticos e diferenciadas formas de resistência e quebra de estereótipos, destacando ali uma grande diversidade cultural muito complexa. Também foi possível observar elementos estranhos ao mundo ocidental, como a ligação forte com a ancestralidade e rituais sagrados, que tantas vezes podem moldar as atitudes das personagens.

Contendo elementos heterogêneos entre si, às vezes históricos, poéticos ou surpreendentes, essa seleta de cinemas africanos nos permitiu abrir um portal para visitar uma África com novas cores, músicas e vitalidade que apenas nossa memória ancestral não abarcaria imaginar e conhecê-la foi o maior presente que o Cine África nos proporcionou em 2020.

Referências Bibliográficas:

DARIVA, Renata. *Oxalá Cresçam Pitangas (2005/7) e É Dreda ser Angolano (2006/8): Olhares sobre Luanda através do Cinema de retomada angolano e do Cinema de Poeira*. Dissertação de mestrado na área de História, PUCRS, 2020.

FLORES, Paulo & FRAZÃO, Aline. *Matacedo*. (BSO do filme 'Ar Condicionado'). Youtube, Acesso 02 jan. 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=w8a3q8Rr4Wk>

GONZAGA, Mariana Ferreira Soares Lemos. *Nollywood: O cinema nigeriano como instrumento de construção de identidade*. Monografia Conclusão de curso na área de jornalismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

MOSTRA DE CINEMAS AFRICANOS, São Paulo. CINESESC SP, 2019. Catálogo de mostra cinematográfica.

OLIVEIRA, Janaína Pereira de. Descolonizando telas: o FESPACO e os primeiros tempos do cinema africano. Revista *Odeere*, v. 1, p. 50-74, 2016.

PAIM, Márcio Luiz da Silva. Os cinemas africanos como produtos das independências: a importância do filme *La Noire de...* de Sembène Ousmane. Revista *Tempo, Espaço e Linguagem*, 2014.

RODRIGUES, Camila. Pequenidades (Blog), 2020. Disponível em <https://pequenidades.blogspot.com>. Acesso em 31.dez.2020.

SACRAMENTO, Evelyn dos Santos. *Safi Faye: Entre o Olhar e o Pertencimento*. Universidade Federal da Bahia. Dissertação de mestrado na área de estudos étnicos e africanos. Universidade Federal da Bahia, 2009.

SERRAT, Hannah. Quando o cinema acolhe uma comunidade de estrangeiros: coabitâncias e errâncias em 'Heremakono'. Revista *Imagofagia*, v. 21, p. 237-257, 2020.